

200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.
**A INDÚSTRIA E O
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



DESENVOLVIMENTO
SOCIAL

ONDE VEEM CARÊNCIA, NÓS VEMOS POTÊNCIA



Celso Athayde

Ativista social, é fundador da Central Única das Favelas (CUFA). Atualmente, é CEO da Favela Holding, que atua junto a empreendedores comunitários, fomentando e promovendo oportunidades de negócios, empreendedorismo e empregabilidade

Minha contribuição nessa reflexão em torno do bicentenário da Independência do Brasil vem das favelas, de onde sou, onde trabalho, levando valor para as pessoas que ali trabalham e tentam se desenvolver no lugar. Ao falar de independência, precisamos perceber que ela não é um momento, mas um processo permanente. Podemos estar falando da independência das mulheres e dos negros, que ainda não ocorreu. Daí a necessidade de manter cotas nas universidades, para permitir que jovens negros, cujos direitos, durante a educação de base, foram alijados da emancipação, tenham agora oportunidade. Hoje se discute exatamente o contrário: o fim das possibilidades que fizeram com que muitas pessoas avançassem.

Podemos estar falando também da independência das favelas, não apenas na questão financeira e econômica. Quando pensamos na emancipação dos moradores das favelas, devemos refletir sobre como desenvolver o empreendedorismo e a empregabilidade nesses territórios, na base da pirâmide social, uma vez que precisamos gerar riqueza e renda. Se não desenvolvermos o país para todos, vamos ter aumentada a distância entre o país que cresceu e as favelas que ficaram no mesmo lugar. Com desenvolvimento em uma área e sem desenvolvimento em outra, teremos o caos social.

Um país justo é aquele onde tanto o dono do prédio como o porteiro e os filhos de deles tenham acesso a sonhar com mobilidade social. Se um nasce sabendo que não vai ter essa mobilidade, já nasce sem expectativa.

A pobreza é diferente em cada lugar. Por isso, o direito ao trabalho das pessoas que estão na pobreza deve ser percebido com a vocação local. Tomemos como exemplo as comunidades de Heliópolis e Paraisópolis, em São Paulo, e da Rocinha, no Rio de Janeiro: cada uma delas é maior do que 80% das cidades brasileiras. Se essas favelas tivessem prefeitos e gestores que pensassem os problemas do lugar, certamente as políticas públicas seriam mais eficientes e estabeleceriam propostas

a partir das carências e demandas ali existentes. Um exemplo seria atender pessoas desempregadas que precisam de acesso ao trabalho. Na medida em que esses lugares fossem articulados, poderíamos descentralizar as decisões que estão centralizadas no governo federal. Isso faria com que as pessoas resolvessem seus problemas e questões locais, especialmente o direito ao trabalho para gerar renda.

A EMERGÊNCIA DO “QUARTO SETOR”

A favela não é necessariamente carente. Estamos falando de um universo de 17 milhões de pessoas, com mais de R\$ 180 bilhões de renda anual. Temos 13 mil favelas no Brasil. O ideal é que elas não existissem; que tivéssemos um projeto de habitação, de transporte e de segurança; que pudéssemos ver as favelas como uma coisa do passado. Infelizmente, não é assim e precisamos levar alento para as pessoas que vivem nelas e objetivar o desenvolvimento delas.

Um país justo é aquele onde tanto o dono do prédio como o porteiro e os filhos de deles tenham acesso a sonhar com mobilidade social. Se um nasce sabendo que não vai ter essa mobilidade, já nasce sem expectativa. Se as pessoas das favelas fossem todas

carentes, as empresas, sejam bancos ou de telefonia, não estariam fazendo produtos customizados para elas. Se fossem carentes, teriam de receber carteirinhas de carentes para não precisar pagar mais ônibus, metrô e trem. É o contrário: elas pagam, elas consomem, e as empresas têm se valido disso. Temos, por exemplo, um projeto com o *Grupo FlyTour*, que já instalou cerca de 400 unidades de agências de viagens em favelas, para atendimento exclusivo de seus moradores. Temos, também, uma parceria com a Natura, que já distribuiu mais de 3,5 milhões de produtos em 112 comunidades do Rio de Janeiro.

Desde que a CUFA foi fundada, em 1998, nunca tínhamos pedido dinheiro para empresas. O único momento em que isso ocorreu foi agora, por causa da pandemia. Conseguimos levantar recursos para levar alento e alimento aos moradores de favelas em todo o Brasil, atendendo pelo menos 15 milhões de pessoas. Não somos contra quem pede, mas, por causa da minha origem de rua, entendi que tinha que romper com isso, até porque nossa relação com as empresas é de fazer parcerias para nos sustentarmos a partir dos recursos que temos. Morei na rua durante seis anos, dois dos quais em abrigo público em função de pequenos furtos. Sempre pedi esmola; então, sempre fiz parte do capitalismo, na medida que eu precisava de dinheiro para sobreviver.

As pessoas se assustam quando enfatizamos que a Central Única das Favelas (CUFA) é uma organização social com fins lucrativos. O problema não é a instituição ter lucro, mas o que fazer com ele. Nós reinvestimos nosso lucro no desenvolvimento de atividades que entendemos importantes em cada comunidade. Mais recentemente, criamos uma *holding* de empresas focadas no desenvolvimento econômico das favelas e das pessoas que vivem nelas e buscamos conhecimento para promover a própria ascensão social. A Favela Holding congrega, atualmente, 24 empresas que empregam milhares de pessoas no território das favelas, nos mais diversos segmentos. Neste ano, realizamos a primeira edição da Expo Favela, um evento único no que diz respeito ao encontro entre a favela e o asfalto, voltado para negócios e empreendedorismo, que contou com o apoio da CNI. Fizemos questão de realizar a exposição no WTC (World Trade Center), em São Paulo, porque entendemos como simbólico ocupar espaços que as corporações privadas ocupam. Em parceria com a CNI e o SENAI, vamos agora replicar a experiência no país inteiro.

Precisamos dinamizar o que chamo de “quarto setor”, a própria favela, na medida em que o Estado (o “primeiro setor”) abandona esses territórios. As empresas, que compõem o “segundo setor”, têm tentado dar a sua

contribuição, mas esse apoio não tem tido tamanho significativo, a ponto de resolver as questões das favelas. Já o chamado “terceiro setor” não ajuda, quando faz com que a favela tenha a cultura de medo do lucro, como se fosse pecado ter lucro. Se as pessoas têm vergonha de ter lucro, é como se elas dissessem: “não quero ganhar nada”. Vão continuar com carência econômica. Como é que você se desenvolve em um país capitalista se não tem lucro? Nós dizemos “lucro sim”. O debate é o que fazer com ele.

O “quarto setor” pode ser representado pelas próprias favelas: suas riquezas e carências unidas em um mesmo processo, para que elas respondam às demandas e ofereçam respostas que os outros três setores não conseguiram dar. As favelas são potentes, e onde as pessoas veem carência, eu vejo potência. Por isso, me refiro a essas pessoas como pessoas potentes, não como pessoas carentes. Precisamos olhar para as pessoas não com pena delas, não com compaixão, não pensando que precisam da nossa roupa; olhar para elas como pessoas com dignidade, com resiliência, com força.

Imaginem, por exemplo, se, na pandemia, esses chamados “carentes” estivessem parados enquanto as classes médias e altas estavam em casa pedindo comida pelo iFood, onde tinha uma cozinheira e um entregador, certamente

Precisamos olhar para as pessoas não com pena delas, não com compaixão, não pensando que precisam da nossa roupa; olhar para elas como pessoas com dignidade, com resiliência, com força.

da favela. Imagine se os frentistas dos postos de gasolina, que moram nos territórios das favelas, parassem por causa da pandemia. Imagine se os empacotadores e os caixas dos supermercados tivessem parado. O país, com certeza, também pararia. Essas pessoas provaram, mais uma vez, que estavam à disposição deste país quando a gente precisou delas.

Os moradores das favelas são importantes economicamente, porque movimentam R\$ 180 bilhões por ano em todo o país. Sem deixar

Ou a gente divide
com os moradores
das favelas a
riqueza que eles
produzem, ou vamos
continuar dividindo
as consequências da
miséria que a elite
produz, até aqui.

de reconhecer a carência, estou me referindo a essa potência. Ou a favela se transforma em autossuficiente na inclusão de seus habitantes ou vai continuar como coadjuvante, inclusive do processo no qual ela deveria ser protagonista. Ou a gente divide com os moradores das favelas a riqueza que eles produzem, ou vamos continuar dividindo as consequências da miséria que a elite produz, até aqui.

PESSOAS SÃO PONTES

A pandemia mostrou muito da nossa capilaridade, da nossa força e da nossa potência. Ao mesmo tempo, muitos termos novos surgiram, a exemplo de “isolamento social”. Eu nunca tinha escutado essa expressão, mas quando olhamos com mais atenção para os detalhes, isso não é novidade para quem vive nesses territórios, porque já nasceram socialmente isolados, sempre nessa condição de isolamento. A diferença é que, em função da pandemia, esse isolamento passou a ser um risco para a sociedade, na medida em que, quando elas foram isoladas de maneira tão agressiva, corria-se sério risco de caos social.

Nesse período, por meio de diversas parcerias realizadas com outras organizações, lideranças comunitárias, empresas e empreendedores, conseguimos entregar para esses territórios o que suas populações precisavam ter.

Jogamos boias de salvação para as favelas e para as periferias. Precisamos resgatar as pessoas para o navio, mas impedindo que elas sejam segregadas em espaços separados. O desafio no pós-pandemia é viabilizar a retomada econômica e levar seus benefícios para a base da pirâmide, porque a pior crise que uma sociedade pode ter é a falta de perspectivas, de esperança, de

sonhos. Quando as pessoas olham para a frente, para trás e para o lado e não enxergam nada, é porque realmente está tudo perdido.

Isso é um enorme desafio para toda a sociedade brasileira: a academia, as organizações sociais e as empresas. Precisamos ampliar nossa consciência; buscar um país com inclusão produtiva e onde as relações sociais deixem de ser racistas e passem a ser integradas como potencial da sociedade. Todos devem perceber que isso não vai acontecer se continuarmos com o mesmo comportamento dos 200 anos passados. Para sonhar de forma mais concreta, é fundamental irmos na direção de um país mais justo e diverso. O caminho é longo, mas sem dúvida possível.

ESCOLA PRECISA FALAR A LINGUAGEM DOS JOVENS

Outra reflexão que considero relevante, também partindo da perspectiva da favela, é com relação à importância que a juventude da periferia dá aos estudos. Em tudo que faço, eu valorizo a educação, pois entendo que ela está envolvida o tempo todo em tudo o que fazemos. Entretanto, é preciso levarmos em conta as circunstâncias e as condições objetivas em que essa questão se apresenta em cada

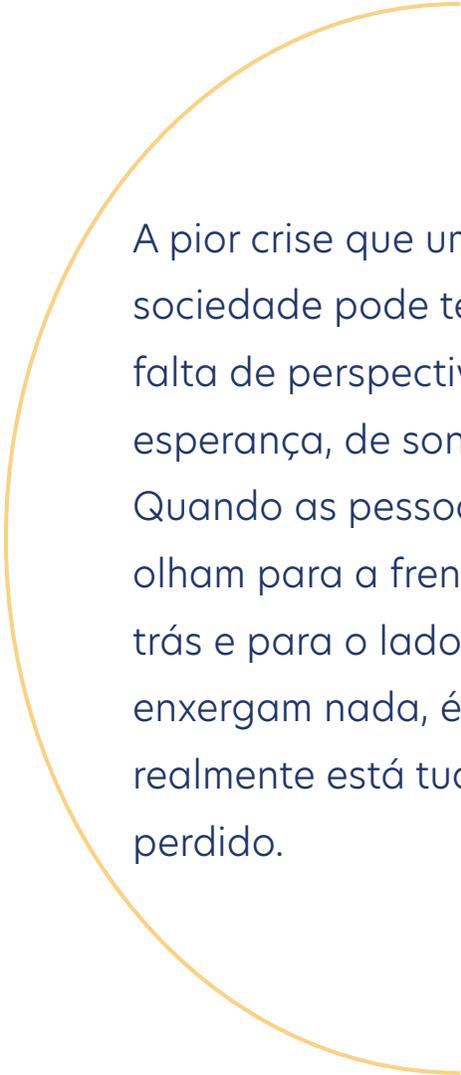
comunidade, para cada jovem. Mesmo reconhecendo a importância da educação, quando morava na rua ou em abrigo público, eu não via razão para estudar, pois estudar ou ler um livro não tinha a mínima relevância na minha cabeça.

Em 2012, quando realizamos a primeira edição da Taça das Favelas – torneio que contou com a participação de cerca de 500 mil pessoas de diversas comunidades do Rio de Janeiro –, recusei o apoio de uma prefeitura que condicionava o aporte de recursos à exigência de que todos os jogadores da competição estivessem matriculados na escola. Na época, o jovem Patrick de Paula, que veio a ser um dos destaques do torneio, não estudava. Pouco tempo depois da competição, ele foi contratado profissionalmente por mais de 30 milhões de reais. Se eu tivesse impedido que aquele garoto jogasse naquela Taça das Favelas, ele, certamente, não teria entrado na escolinha de futebol do Palmeiras, nem na escola formal em que o clube o colocou e, muito menos, teria seu talento reconhecido. Na época, não fui compreendido e fui criticado. Mas como eu poderia dizer para aquele menino que, se ele não estivesse na escola, não poderia jogar? Conheço seus pais e seus parentes, com os mais diversos problemas, pessoas que não

tiveram a menor razão para estudar, porque nunca viram os pais lendo um livro, lendo um jornal. Aí, eu chego para ele e digo: “apesar do seu talento, você não vai poder jogar no time da sua favela, porque você não estuda”. Assim, estaria excluindo o excluído.

Defendo que a gente não deve excluir ninguém, mas identificar quais são as meninas e os meninos que estão fora da escola e montar programas específicos para eles. Muitas vezes, a favela tem o equipamento escolar, mas as crianças e suas famílias não têm razão para usá-lo por causa da linguagem. É fundamental que você não apenas diga para seus filhos estudarem; eles precisam ver você também estudando, porque o seu exemplo é decisivo.

Tão importante quanto o estudo é a gente repensar as linguagens, para que faça mais sentido às pessoas desses territórios estar na sala de aula, entendendo efetivamente o que seus professores estejam ensinando. É preciso repensar o modelo de educação, utilizando ferramentas digitais, internet e aulas digitais, incorporando os games no estudo. Precisamos usar as linguagens que eles usam, captar novas linguagens, para que eles possam desenvolver seus próprios processos de aprendizagem.



A pior crise que uma sociedade pode ter é a falta de perspectivas, de esperança, de sonhos. Quando as pessoas olham para a frente, para trás e para o lado e não enxergam nada, é porque realmente está tudo perdido.

A RIQUEZA POTENCIAL DAS FAVELAS

Com sua visão de morador e líder comunitário da favela – e à luz da experiência inovadora, heterodoxa, criativa e bem-sucedida da CUFA –, **Celso Athayde** nos passa mensagens lúcidas, que parecem óbvias depois que ele fala: 1) o desenvolvimento deve chegar a todos, pois, se ficar limitado a uma parte da sociedade, não haverá sustentabilidade; 2) há riqueza mesmo na carência; e 3) a superação da pobreza decorre da mobilização das potencialidades que têm os pobres.

Sua expressão “exclusão reforça exclusão” simboliza o que aconteceu com o Brasil ao longo dos últimos 200 anos, desde a Independência. Em parte desse período, reinou um sistema escravocrata, que excluía a metade da população dos direitos mais elementares. Posteriormente, o país aboliu a escravidão, se desenvolveu, avançou e se fez um dos mais prósperos países do mundo, mas manteve a exclusão.

Em seu discurso – e, também, na sua prática cotidiana –, Celso Athayde quebra o preconceito ideológico, geralmente presente em lideranças dedicadas a projetos sociais, que consideram o lucro como pecado social e não como resultado de eficiência. Ele mostra a necessidade de se criar empreendimentos lucrativos nas comunidades ditas carentes, por entender que todas elas têm alta capacidade de trabalho, de produção e de consumo. Defende, em última instância, que a favela deve ser protagonista de seu próprio futuro, casando seu potencial com suas carências.

As necessidades e o desemprego da população serão superados se sua energia for canalizada por transferência de renda condicionada, por algum empreendimento financiado pelo Estado ou por programas de microcrédito. Para isso, é preciso ter incentivo, orientação e formação. De forma diferente, Celso Athayde faz para as favelas brasileiras o que o Prêmio Nobel Muhammad Yunus fez em Bangladesh, com o Grameen Bank. Tanto Yunus quanto Athayde utilizam a filosofia do “talento comprometido”: o uso dos potenciais existentes na pobreza, a serviço do progresso das pessoas.



9 788579 573200 >



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA